

Dos “anos de purgatório” ao “milagre” da conquista da Copa do Mundo da Suíça: olhares da imprensa esportiva brasileira para a Alemanha Ocidental e sua seleção nacional no Mundial de 1954

From the “years of purgatory” to the “miracle” of winning the World Cup in Switzerland: The Brazilian sports press’ views on West Germany and its national team in the 1954 World Cup

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Estudos Germanísticos, Freie Universität Berlin, Alemanha
cornelsen@letras.ufmg.br

Ronaldo George Helal

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em Sociologia, New York University, Estados Unidos

Leda Maria da Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutora em Literatura Comparada, UERJ, Brasil

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo analisar os olhares da imprensa esportiva brasileira, especificamente veiculados em matérias, notas e crônicas publicadas no *Jornal dos Sports* e no “Caderno de Esportes” do jornal *O Globo*, para a seleção nacional da Alemanha Ocidental no Mundial de 1954, organizado pela FIFA, tendo em mente sua contextualização. Enquanto hipótese, cabe verificar a presença de estereótipos e de juízos de valor na cobertura esportiva, baseados em questões de ordem política e ideológica em relação ao passado de guerras da Alemanha, bem como em relação à divisão do país e à Guerra Fria. A partir de uma abordagem teórica transdisciplinar, o estudo visa a contribuir para o debate acadêmico em torno da relação entre História, Mídia, Esporte e Estudos da Linguagem no âmbito da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Alemanha Ocidental; Cobertura esportiva; *Jornal dos Sports*; *O Globo*; Comunicação.

ABSTRACT: This study intends to contribute to analyze the views of the Brazilian sports press, specifically conveyed in articles, notes and chronicles published in *Jornal dos Sports* and in the “Caderno de Esportes” of the newspaper *O Globo*, for the West German national team in the 1954 FIFA World Cup, bearing in mind their contextualization. As a hypothesis, it is worth verifying the presence of stereotypes and value judgments in sports coverage, based on political and ideological issues in relation to Germany's wartime past, as well as in relation to the country's division and the Cold War. Based on a transdisciplinary theoretical approach, this study intend to contribute to the academic debate around the relationship between History, Media, Sports and Language Studies in the field of Communication.

KEYWORDS: West Germany; Sports coverage; *Jornal dos Sports*; *O Globo*; Communication.

INTRODUÇÃO¹

Em 2014, o mundo do futebol conheceu um novo tetracampeão mundial: a seleção da Alemanha. Entretanto, se pararmos para pensar, os três primeiros títulos mundiais da Alemanha foram conquistados ainda quando o país estava dividido, em decorrência da derrota na Segunda Guerra Mundial e da derrocada do regime nazista, da ocupação de seu território por tropas “aliadas”, e de sua consequente divisão territorial, nos primeiros anos do pós-guerra, em “zonas” e, a partir de 1949, em dois Estados nacionais: a República Federal da Alemanha (RFA; *Bundesrepublik Deutschland*, BRD, fundada em 23 de maio) e a República Democrática Alemã (RDA; *Deutsche Demokratische Republik*, DDR, fundada em 07 de outubro). Desse modo, o território da Alemanha dividida se transformou em um autêntico tabuleiro de xadrez, em que as nações aliadas, vencedoras da guerra, passaram a fazer seus movimentos em um jogo perigoso, marcado por dois universos distintos de influência geopolítica e econômica: de um lado, os Estados Unidos da América, principal potência representante do mundo capitalista e, de outro, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, principal potência representante do mundo socialista. Detentoras de arsenais nucleares, tais potências protagonizaram a Guerra Fria, de 1947 a 1991, e estavam igualmente representadas, como territórios de influência, nos respetivos “lados” da Alemanha, sendo que os Estados Unidos dividiam com a Grã-Bretanha e a França a missão de ocupação militar do território da Alemanha Ocidental, incluindo Berlim Ocidental, enquanto tropas soviéticas ocuparam o território da Alemanha Oriental, incluindo sua capital, Berlim Oriental. Para além do território alemão, as disputas entre os dois blocos se deram também no âmbito europeu, com a criação da NATO (*North Atlantic Treaty Organization*) em 1949 e, respectivamente, do Pacto de Varsóvia (*Warsaw Pact*) em 1955,² com a finalidade de integrar forças militares alinhadas às duas potências que lideravam a Guerra Fria. A RFA foi integrada à NATO em 1955, mesmo ano em que a RDA passou a integrar o Pacto de Varsóvia.

Em um quadro de permanente tensão geopolítica, com altos e baixos, seria natural nos indagarmos sobre os modos como as duas “Alemãs” passaram a ser

¹ Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

² HOFFMANN. *Kalter Krieg und Blockintegration (1949-1955)*, p. 14.

vistas internacionalmente. Em pesquisa desenvolvida recentemente em nível de Pós-Doutorado,³ interessou-nos analisar olhares da imprensa brasileira para as seleções da Alemanha Ocidental nas Copas do Mundo FIFA de 1954, 1974 e 1990, justamente naquelas edições em que se sagrou campeã. Em 1954, menos de 10 anos do término da guerra e há cinco anos da fundação da República Federal da Alemanha em maio de 1949, a seleção alemã ocidental triunfou sobre a poderosa seleção da Hungria, em um episódio futebolístico que, posteriormente, entraria para os anais da história do futebol como o “Milagre de Berna” (*Wunder von Bern*).

Como fontes de pesquisa, a partir das quais formamos o *corpus* de análise, ele-gemos edições do *Jornal dos Sports* e, respectivamente do jornal *O Globo* em seu “CADERNO DE ESPORTES”, publicadas de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954. No caso da CO-PA de 1954, a primeira do pós-guerra para a Alemanha Ocidental, haveria um poten-cial de referências sobre a reconstrução do país, inclusive no âmbito do futebol.

Por sua vez, todo um trabalho de seleção de matérias, notas, crônicas e charges, nas quais havia menção à Alemanha Ocidental e a sua seleção, foi realiza-do em dois acervos digitais: a Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>), de domínio público, na qual se encontra o acervo digitalizado do *Jornal dos Sports*, e no Globo Digital, acervo em que se encontram armazenadas edições digitalizadas do jornal *O Globo* (<https://acervo.oglobo.globo.com>), cujo acesso é permitido mediante assinatura. Cabe ressaltar, ainda, que, para a edição de 1954, foram empregados descriptores específicos, que nos auxiliaram na filtragem de todo o material jornalístico: “Ale-manhia”, “seleção alemã”, “Sepp Herberger” e “Fritz Walter”.

A título de hipótese, a ser verificada em sua efetividade, consideramos que ha-veria potencial de intersecção entre os campos esportivo e político na cobertura do *Jornal dos Sports* e de *O Globo* sobre a Alemanha Ocidental e sua seleção. Em 1954, pela primeira vez, a seleção alemã ocidental disputaria um Mundial, como fração territorial daquela Alemanha do período nazista, cuja seleção disputara as Copas do Mundo da

³ A pesquisa *Olhares da imprensa esportiva brasileira para as seleções da Alemanha Ocidental nos Mundiais de 1954, 1974 e 1990* foi desenvolvida por Elcio Loureiro Cornelsen, em período de Residência Pós-Doutoral sob supervisão do Prof. Dr. Ronaldo George Helal e da Profa. Dra. Leda Maria da Costa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no período de 01 de março de 2024 a 28 de fevereiro de 2025.

Itália, em 1934, e da França, em 1938. O país, assim como a “coirmã” Alemanha Oriental, não inscrita para disputar as eliminatórias da Copa de 1954, se encontrava em franco processo de reconstrução, incluindo o âmbito esportivo.

A seguir, versaremos sobre algumas matérias, notas e crônicas analisadas, publicadas em edições selecionadas do *Jornal do Sport* e do jornal *O Globo* em 1954, para testarmos a pertinência de nossa hipótese inicial e apresentar resultados parciais. Em publicações futuras, apresentaremos também os resultados da pesquisa em relação às edições das Copas do Mundo de 1974 e, respectivamente, de 1990. Lembramos, ainda, que este estudo possui caráter transdisciplinar, que visa a contribuir para o debate acadêmico em torno da relação entre História, Mídia, Esporte e Estudos da Linguagem no âmbito da Comunicação.

O TRABALHO COM AS FONTES DE PESQUISA: *JORNAL DOS SPORTS* E *O GLOBO*

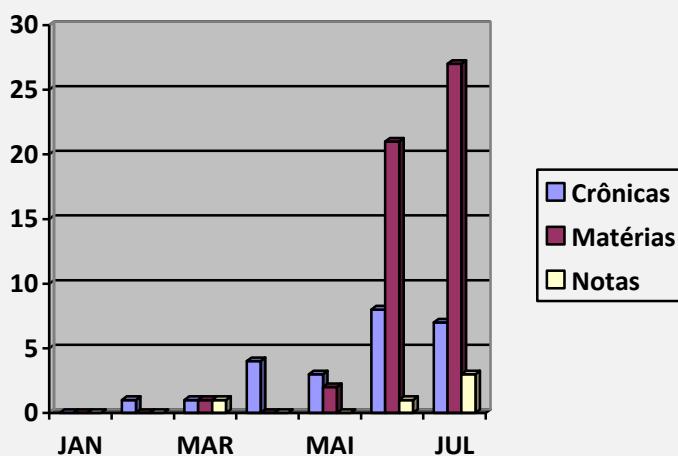


Fig. 1 - *Jornal dos Sports*: crônicas, matérias e notas selecionadas (1954).

Em nosso levantamento sobre a presença da Alemanha Ocidental e de sua seleção de futebol em matérias, notas e crônicas do *Jornal dos Sports*, referente ao período de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954 (211 edições, do nº. 7.468 ao nº. 7.641), foram selecionadas automaticamente 137 edições e levantado um total de 80 textos, sendo 51 matérias, cinco notas e 24 crônicas em que um ou mais descritores apareceriam. Para tanto, foram aplicados os descritores “Alemanha”, “seleção alemã”, “Sepp Herberger” e “Fritz Walter” (Fig. 1).

Dentre as 24 crônicas filtradas, identificamos quatro nomes específicos: Albert Laurence, que assinava a coluna “A Crônica Internacional”, com 18 ocorrências; Zé de São Januário (Álvaro Nascimento), com a coluna intitulada “Uma Pedrinha na Shooteira”, com duas ocorrências; Olympicus (Thomaz Mazzoni), sem assinar coluna, com três ocorrências; Alfredo Curvello, igualmente sem assinar coluna, com apenas uma ocorrência. Cabe ressaltar que, conforme afirma José Carlos Marques,

[a]té o início da década de 1940, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais, e o futebol mantinha discreto destaque na imprensa escrita. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do ‘metié’ do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional da crônica de futebol é simultânea à do próprio futebol profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva.⁴

Portanto, no período estudado, a atuação de cronistas esportivos em periódicos já era uma realidade consolidada. Cabe ressaltar, também, que, desde sua fundação no início dos anos 1930, o *Jornal dos Sports* era de fato um jornal esportivo, com muitas páginas dedicadas ao futebol e a outras modalidades, na tentativa de “ser um periódico poliesportivo mas, ao mesmo tempo, se rendendo ao sucesso editorial que o futebol causava no público leitor e comentador”.⁵ No caso específico da cobertura das Copas do Mundo, o *Jornal dos Sports* costumava destinar bom espaço para seleções que não só a brasileira. E talvez em busca de algum tipo de legitimidade de fala, costumava contar também com correspondentes de fora do Brasil. A cobertura da Copa de 1950, por exemplo, entre outros, contou com contribuições do jornalista austríaco Willy Meisl. No caso da Copa de 1954, o *Jornal dos Sports* também integrou matérias de jornalistas estrangeiros, entre eles, Peter Uebersax e Henry W. Thornberry, ambos da United Press (UP), e Marc Gaudichau, da Agência France Press (AFP).

Com relação à filtragem de textos publicados nas edições do jornal *O Globo* de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954 (176 edições, do nº. 8.484 ao nº. 8.660), referentes à cobertura da Copa de 1954 disputada na Suíça, fazendo uso dos descritores

⁴ MARQUES. *O futebol em Nelson Rodrigues*, p. 17.

⁵ COUTO. *Cronistas esportivos em campo*, p. 109.

“Alemanha”, “seleção alemã”, “Sepp Herberger” e “Fritz Walter”, foram selecionadas automaticamente 52 edições e levantado um total de 33 textos, sendo 23 matérias, 08 notas e apenas 02 crônicas em que um ou mais descriptores apareceriam (Fig. 2).

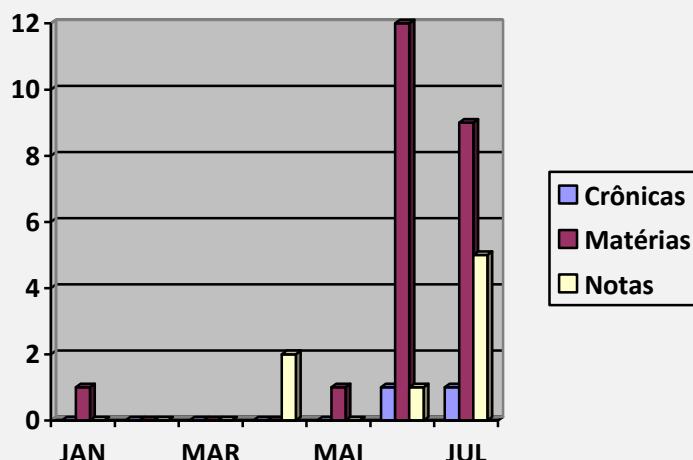


Fig. 2 - *O Globo*: crônicas, matérias e notas selecionadas (1954).

Nota-se, de maneira evidente, que o número de textos do jornal *O Globo* selecionados é bem inferior, se comparado ao mesmo período de textos do *Jornal dos Sports*, correspondendo a 1/3 do total (Fig. 3). Apenas um cronista teve dois textos selecionados: Michel Carrère, que assinava a coluna “A História da Copa do Mundo”. Embora não fosse voltado exclusivamente para o esporte, o jornal *O Globo* possuía tradição no jornalismo esportivo. O jornalista Mário Filho reformulou a seção esportiva desse jornal já no decorrer dos anos 1930, “momento em que ele teria protagonizado uma série de transformações na forma como o futebol era representado pela imprensa esportiva”.⁶

Há, pelo menos, dois aspectos a serem levados em conta como prováveis fatores que determinaram essa discrepância: por um lado, o número menor de edições do jornal *O Globo* publicadas no período analisado – 176 edições frente às 211 edições do *Jornal dos Sports* –, por outro, o fato de o primeiro não ser dedicado, majoritariamente, à cobertura esportiva.

⁶ SILVA. *Mil e uma noites de futebol*, p. 30.

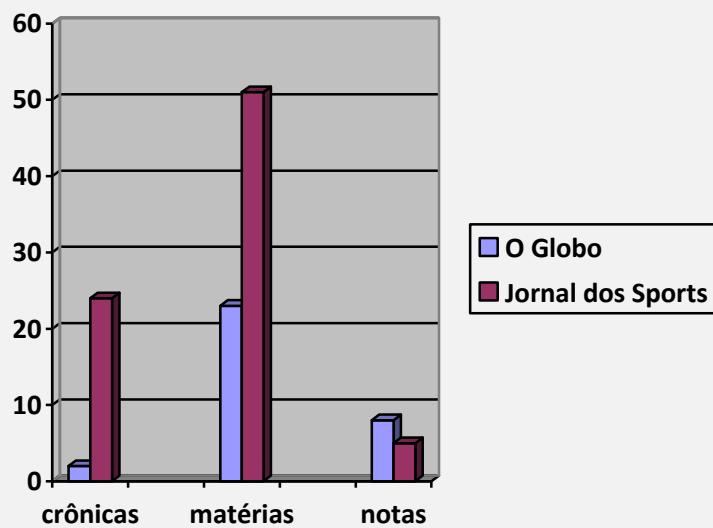


Fig. 3 – Crônicas, matérias e notas selecionadas do *Jornal dos Sports* e de *O Globo* (1954).

A TRAJETÓRIA DA ALEMANHA OCIDENTAL, DE “ELDORADO DO FOOTBALL MUNDIAL” A NAÇÃO CAMPEÃ MUNDIAL DE FUTEBOL NA COBERTURA ESPORTIVA DO *JORNAL DOS SPORTS*

Dentre o conjunto de cronistas do *Jornal dos Sports*, aquele que mais se destacou foi Albert Laurence, com sua coluna “A Crônica Internacional”. De origem francesa, o jornalista emigrou para o Brasil em 1948 e foi um dos profissionais de imprensa que apoiaram Samuel Wainer (1910-1980) na fundação do jornal *Última Hora* em 12 de junho de 1951 no Rio de Janeiro,⁷ um dos mais importantes veículos da imprensa brasileira com forte viés político. Albert Laurence demonstrava em suas crônicas um profundo conhecimento dos principais campeonatos europeus, incluindo os campeonatos disputados nas duas “Alemanhas”. Tal aspecto é atestado pela crônica publicada em 11 de março de 1954, na qual consta a seguinte frase no *lead*: “Por Que Não Podemos, Materialmente, Acompanhar Aqui Os 6 Campeonatos Germânicos de Football”.⁸ De modo quase didático, o cronista apresenta ao leitor a situação dos campeonatos disputados nas duas “Alemanhas”, na seção “Prosperidade do Football Alemão” e, inicialmente, procura justificar a ausência de cobertura desses campeonatos em “A Crônica Internacional”:

⁷ PACHECO. Jornalista da Cultura comenta Copa do Mundo com tubo de oxigênio, s/p.

⁸ *Jornal dos Sports*. ed. 7.523, 11 mar. 1954, p. 5.

A resposta é muito simples: falta de espaço. Não é que desprezemos o football germânico, cuja prosperidade é prodigiosa e cujo valor técnico é indiscutível. Mas é conhecido que, *devido à guerra e à ocupação consequente do território alemão pelos quatro “aliados”*, ainda não foi possível organizar novamente um Campeonato nacional da Alemanha inteira.

*De fato, aquélle país está presentemente dividido em duas nações completamente distintas e separadas pela “cortina de ferro”.*⁹

Portanto, aqui aparecem referenciadas de modo evidente a Guerra Fria e a situação da Alemanha enquanto território dividido entre as quatro nações aliadas – Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e União Soviética –, cuja cisão em dois blocos teria determinado a formação de dois Estados alemães em 1949, como consequência da derrota na Segunda Guerra Mundial e da derrocada do regime nazista.¹⁰ Um “Campeonato nacional da Alemanha inteira”, aliás, só ocorreria 37 anos mais tarde, em 1991, após a reunificação do país.

Diferindo no modo de tratamento, Albert Laurence faz apenas uma breve menção aos campeonatos disputados no território da República Federal da Alemanha na seção “Prosperidade do Football Alemão”, detalhando-os apenas posteriormente, em seção específica: “E finalmente a Alemanha Ocidental está dividida em quatro zonas, correspondendo mais ou menos às antigas zonas de ocupação dos aliados ‘ocidentais’, e cada uma tendo seu campeonato particular: Norte, Sul, Oeste e Sudoeste”.¹¹ Desse modo, o cronista procura justificar para o leitor que, por falta de espaço na coluna “A Crônica Internacional”, não seria possível cobrir 06 campeonatos simultâneos disputados nas duas “Alemanhas”, e ainda ter de dar conta da cobertura de campeonatos nacionais de outros países europeus. Separadas, cada uma criou suas próprias ligas, quatro na Alemanha Ocidental e um na Alemanha Oriental,¹² embora o modo de organização na República Federal da Alemanha não tenha se diferenciado tanto em relação aos campeonatos regionais disputados antes da guerra, e a *Bundesliga* (o Campeonato Nacional alemão ocidental) só fosse criada em 1963.¹³

⁹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.523, 11 mar. 1954, p. 5. (Grifos nossos).

¹⁰ HOFFMANN. Von der Kapitulation zur doppelten Staatsgründung (1945-1949), p. 13.

¹¹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.523, 11 mar. 1954, p. 5.

¹² WÖRNER. Im anderen Deutschland, p. 182.

¹³ STOLPE. 50 Jahre Bundesliga, p. 8.

Outro cronista do *Jornal dos Sports* para o qual a Alemanha Ocidental chama a atenção naquele ano de Copa do Mundo é Zé de São Januário, pseudônimo de Álvaro do Nascimento Rodrigues (1894-1982), que assinava desde os anos 1940 a famosa coluna intitulada “Uma Pedrinha na Shooteira”, tendo exercido também a função de redator-gerente, além de assinar a coluna social “O Vasco em Dia”, “que tratava das ações sociais do clube”.¹⁴ Em sua coluna publicada na edição nº 7.572, de domingo, 09 de maio de 1954, cinco semanas antes da abertura do Mundial, o cronista ressalta o quanto o futebol na República Federal da Alemanha estava em voga naquele momento. Todavia, diferindo de Albert Laurence, Zé de São Januário não emprega em seu texto a designação “Alemanha Ocidental” uma única vez sequer, preferindo, pois, a designação simples de “Alemanha”:

Temos a impressão que a Alemanha é o Eldorado do football mundial. Sete ou oito quadros brasileiros enfrentaram os germânicos.

Os quadros partem para a Europa. Jogam dois jogos na Turquia, um na Bélgica e os restantes na Alemanha. O número de jogos disputados pelos quadros brasileiros na Alemanha não têm conta. Nos países latinos quase não se realizam jogos. A Alemanha absorve tudo. Temos a impressão que a Alemanha é o Eldorado do football mundial...¹⁵

As palavras de Zé de São Januário, em seu estilo direto e agudo, nos despertam para um possível aspecto: o de que o futebol possa ter funcionado como elemento fundamental no processo de “reabilitação” da Alemanha, especificamente da Alemanha Ocidental, em termos geopolíticos, no primeiro decênio do período pós-guerra. As relações internacionais do país com outras nações passariam, pois, também pelo bom relacionamento entre a Confederação Alemã de Futebol (*Deutscher Fußball-Bund; DFB*) e outras Confederações e clubes de outras partes do Mundo.

Se, até aqui, apresentamos exemplos de crônicas publicadas no *Jornal dos Sports* antes da abertura da Copa de 1954, em que os campos esportivo e político se interseccionaram, inicialmente, isso não mudou com o torneio em andamento. Mais uma vez, Albert Laurence destacou-se ao trazer em “A Crônica Internacional” um breve histórico do último confronto entre as seleções da Hungria e da Alemanha, ainda durante a Segunda Guerra Mundial. Especificamente na seção intitulada

¹⁴ COUTO. *Cronistas esportivos em campo*, p. 178.

¹⁵ *Jornal dos Sports*. ed. 7.572, 09 maio 1954, p. 10.

“Na última vez, a Alemanha esmagou a Hungria por 7 a 0” constam as seguintes informações, apresentadas pelo cronista ao versar sobre a expectativa da partida que seria travada pela segunda rodada da fase de Grupos, que colocaria frente a frente a seleção húngara e a seleção alemã ocidental:

Hungria e Alemanha Ocidental não se encontraram mais, aliás, num campo de jogo, *desde o fim da guerra mundial, os dois países um momento aliados, de 1941 a 1944, tendo tomado, desde então, rumos políticos 100% contrários.*

Uma nota curiosa é que, *na última vez em que os dois scratches foram frente a frente num gramado, em 1941, em Colônia, a Alemanha esmagou a Hungria por 7 a 0*. E Fritz Walter, ainda hoje meia armador e capitão do scratch alemão, já jogava na linha atacante que arrasou a defesa magiar daquela época.

Mas é Fritz o único “sobrevivente” daquêles dois Selecionados de 1941 e seria ridículo tomar aquêle resultado de 7 a 0 como base de discussão para um prognóstico atualmente.

E acreditamos, ao contrário, que, desta vez, os húngaros, em imensos progressos técnicos nêstes últimos quatro anos, deverão vencer de forma clara.¹⁶

Devemos ressaltar, sem dúvida, o cuidado com que o jornalista Albert Laurence procura aprofundar determinados aspectos da cobertura esportiva em suas crônicas, num verdadeiro trabalho historiográfico, ao, por exemplo, buscar informações sobre a última vez em que alemães e húngaros teriam disputado uma partida, em 1941, portanto, em plena guerra, ou mesmo que o jovem Fritz Walter teria jogado naquela partida (e também o técnico Sepp Herberger, não mencionado na crônica, teria atuado).

Entretanto, quanto mais a competição avançava, menos presentes estiveram aspectos geopolíticos na cobertura do *Jornal dos Sports*, valendo-se também de materiais de agências internacionais de notícias – principalmente a United Press (UP) e a Agência France Press (AFP), sobre a Alemanha Ocidental e sua seleção. O próprio Albert Laurence parece ter adotado esse expediente, não mais fazendo menções a questões de ordem geopolítica. Esse quadro se modificaria apenas na edição publicada no dia da grande final, 04 de julho de 1954, quando, mais uma vez, as seleções da Hungria e da Alemanha Ocidental se enfrentariam, sendo a pri-

¹⁶ *Jornal dos Sports*. ed. 7.607, 20 jun. 1954, p. 14. (Grifos nossos).

meira considerada franco favorita para erguer a Taça Jules Rimet. Na crônica de Albert Laurence, o contexto geopolítico em relação à situação da Alemanha enquanto país dividido volta a ser tema:

[...] o último jogo da Taça Jules Rimet de 1954, vai opôr mesmo um “grande favorito”, o scratch magiar, e um “out-sider”, um “azar”, como dizem os turfistas, *o Selecionado da Alemanha Ocidental*.

Convém, de fato, frizar (*sic*) que *a Alemanha Oriental ou do Leste, ocupada pelos russos, e praticamente constituída em República popular soviética satélita (sic) da URSS*, não forneceu qualquer elemento ao scratch germânico que jogará hoje, à tarde, no Estádio de Wankdorf de Berna contra os terríveis e talentosos húngaros.

[...] A “base” do scratch é portanto o quadro do Kaiserslautern, campeão da *Alemanha do Sudoeste (Palatinado, Sarre, etc.), antiga zona de ocupação francesa*, [...]

[...] o famoso trio central Morlock-irmãos Walter que jogam juntos praticamente desde que *a Alemanha voltou ao cenário internacional em 1950, depois de vários anos de purgatório devido à sua situação de vencido da guerra mundial*.¹⁷

Portanto, além de destacar o favoritismo da seleção húngara, que já havia vencido a seleção da Alemanha Ocidental na fase de grupos do torneio pelo placar elástico de 8 a 3, Albert Laurence, pelo menos em duas passagens evidentes e em uma supostamente alusiva, traz referências ao período pós-guerra e à divisão alemã. Uma vez que a Hungria fazia parte do bloco oriental, que se defrontaria com a seleção da Alemanha Ocidental, alinhada aos Estados Unidos e seus aliados, a questão político-ideológica surge nas seguintes frases: “Convém, de fato, frizar (*sic*) que a Alemanha Oriental ou do Leste, ocupada pelos russos, e praticamente constituída em República popular soviética satélita (*sic*) da URSS, não forneceu qualquer elemento ao scratch germânico”.¹⁸ Verifica-se que o cronista emite juízos de valor em relação à República Democrática Alemã, “ocupada pelos russos”, uma “República popular soviética satélita (*sic*) da URSS”, sem qualquer menção ao fato de que a Alemanha Ocidental estava igualmente “ocupada” por tropas aliadas ocidentais (norte-americanos, franceses e britânicos), mesmo após ter ocorrido a unificação das zonas aliadas ocidentais e a consequente fundação da República Federal da Alemanha, em 23 de maio de 1949. Um dos procedimentos básicos na análise discursiva – que a

¹⁷ *Jornal dos Sports*. ed. 7.619, 04 jul. 1954, p. 11. (Grifos nossos).

¹⁸ *Jornal dos Sports*. ed. 7.619, 04 jul. 1954, p. 11.

diferencia da análise de conteúdo – é justamente refletir sobre o “não dito”, o “implícito”,¹⁹ evidente nessa passagem da crônica. E dentro da escalação da seleção da Alemanha Ocidental, os jogadores que integraram o meio campo – Max Morlock e os irmãos Ottmar Walter e Fritz Walter, capitão do time – são destacados por Albert Laurence, por terem jogado “juntos praticamente desde que a Alemanha voltou ao cenário internacional em 1950, depois de vários anos de purgatório devido à sua situação de vencido da guerra mundial”.²⁰ Subentende-se que os “vários anos de purgatório” se referem aos anos em que a Alemanha permaneceu banida da FIFA, sendo integrada em setembro de 1950, quando já estava dividida em dois Estados.

Pelo fato de ainda não haver publicação de edição do *Jornal dos Sports* às segundas-feiras, a ampla repercussão da conquista do título mundial pela seleção da Alemanha Ocidental se fez presente na edição nº 7.620, de terça-feira, 06 de julho de 1954, com 01 crônica e 05 matérias: a crônica de Albert Laurence;²¹ a matéria “Nova Fórmula Para Disputa Da Copa Do Mundo De 1958”, de Peter Uebersax, da United Press, de Berna;²² a matéria “Alemanha, Campeã Do Mundo, Em 54”, de Geraldo Romualdo da Silva, especial para o *Jornal dos Sports* a partir de Berna, via All America;²³ a matéria “Vencemos Porque Tivemos Melhor Moral”, não assinada, tendo por fonte a “A.F.P.” (Agência France Press), de Berna;²⁴ a matéria “Jogo Mais Atlético E Calculado Fator Da Vitória Dos Alemães”, não assinada, tendo por fonte a “A.F.P.” (Agência France Press), de Paris;²⁵ a matéria “Pagaram Os Húngaros O Tributo Do Cansaço”, não assinada, tendo por fonte a “A.F.P.” (Agência France Press), de Berna.²⁶ Em sua crônica dedicada à partida final da Copa de 1954, Albert Laurence destaca o resultado como “surpreendente” e volta a expressar aspectos de ordem geopolítica em seus comentários sobre a Alemanha Ocidental:

A lista dos países Campeões do Mundo de football enriqueceu-se com um nome indiscutivelmente inesperado, nessa tarde chuvosa de domingo, 4 de julho de 1954, no Estádio de Wankdorf de Berna.

¹⁹ TFOUNI. Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados, p. 40.

²⁰ *Jornal dos Sports*. ed. 7.619, 04 jul. 1954, p. 11.

²¹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 5.

²² *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 8.

²³ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 9.

²⁴ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 9.

²⁵ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 9.

²⁶ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 9.

Ao Uruguai (1930), à Itália (1934 e 1938) e ao Uruguai novamente (1950), veio juntar-se a Alemanha, quando todos os prognósticos eram em favor da Hungria ou do Brasil, ou até do Uruguai. *E o “rieux monsieur” francês Jules Rimet teve que entregar a Taça que traz seu nome aos representantes do povo que combateu contra o seu durante a última guerra mundial, mas que soube reerguer-se rapidamente das suas ruínas.*²⁷

Além de se referir à seleção vencedora simplesmente como “Alemanha” ao longo do texto, o cronista parece tomar a parte do país, a da Alemanha Ocidental, como um todo, cujo povo “soube reerguer-se rapidamente das suas ruínas”.²⁸ Já com relação à seleção húngara, Albert Laurence afirma que a seleção favorita à conquista do título teria vivenciado o seu “16 de Julho”, em uma referência ao “Maracanazo”, em 16 de julho de 1950, quando a seleção brasileira, franca favorita, fora derrotada no último jogo do quadrangular final pela seleção uruguaia pelo placar de 2 a 1. Já as cinco matérias publicadas na mesma edição não fazem qualquer menção a aspectos de ordem geopolítica e designam a seleção campeã como “Alemanha”, sempre destacando a surpresa do triunfo e justificando a derrota da seleção húngara devido a suposto cansaço em virtude dos duros confrontos com a seleção brasileira nas quartas de final e com a seleção uruguaia na semifinal.

Mesmo após encerrada a Copa do Mundo de 1954, o *Jornal dos Sports* continuou a dar destaque à grande final e a seu resultado inesperado. Na edição nº 7.621, de terça-feira, 07 de julho de 1954, figuram 02 crônicas e 02 matérias: a crônica de Zé de São Januário, em sua coluna “Uma pedrinha na Shooteira”;²⁹ a matéria “O Grande Football Alemão”, de Geraldo Romualdo da Silva, de Spiez, via Parnair,³⁰ cidade suíça em que a seleção alemã ocidental esteve concentrada durante a Copa; a matéria “Quando O Flamengo Contou Ninguém Quis Acreditar”, de Giampaoli Pereira;³¹ a crônica de Albert Laurence em sua coluna “A Crônica Internacional”.³²

Enquanto Zé de São Januário resume, em sua crônica, o desempenho das principais seleções que disputaram o Mundial na Suíça,³³ Geraldo Romualdo da

²⁷ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 5. (Grifos nossos).

²⁸ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 5.

²⁹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 2.

³⁰ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³¹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³² *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³³ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 2.

Silva inicia sua matéria destacando o surgimento da Alemanha Ocidental, sem designá-la dessa maneira, para surpresa de muitos:

Há três anos atrás,³⁴ footballisticamente falando a Alemanha valia bem pouco. *Ela estava vindo de uma dura e cruel batalha, depois de quase varrida do mapa*, de maneira que, quando se principiou a tomar conhecimento do seu progresso esportivo, na América do Sul, em especial, poucos acreditaram que assim pudesse ser. No mínimo, que os cronistas europeus estavam exagerando. Ou, então, não seria o caso de exagero, já que se não compreendia, no sul, que no Velho Mundo alguém pudesse pensar em jogar melhor do que lá...³⁵

Desse modo, Geraldo Romualdo da Silva menciona o fato de a Alemanha ter sido “quase varrida do mapa”, destruída em decorrência de uma guerra iniciada e movida pelo Terceiro Reich, levando ao colapso do país e ao cometimento de crimes contra a Humanidade durante a Segunda Guerra Mundial. Implícitas estão a divisão do país entre as nações aliadas e a soberania controlada a partir da formação de dois blocos que deram ensejo à fundação da República Federal da Alemanha em maio de 1949, e da República Democrática Alemã em outubro de 1949. Além disso, Geraldo Romualdo da Silva destaca o papel da entidade máxima do futebol na Alemanha Ocidental: “Hoje, porém, a ‘Deutscher Fussball-Bund’, com sede em Francofort (*sic*), canta glórias bem cantadas. Não foi à toa que os seus 13 mil clubes, responsáveis por 700 mil jogadores, trabalharam com decisão e afinco para alcançar o progresso atual”.³⁶ E Giampaoli Pereira explora em sua matéria a recente excursão do Flamengo à Europa, antes da Copa, em que o clube rubro-negro teve a oportunidade de se defrontar com equipes da Alemanha Ocidental e perceber que o nível futebolístico dos clubes era elevado, o que permitiria antever uma boa preparação de sua seleção em termos técnicos e táticos.³⁷ Já Albert Laurence enfatiza a elevada qualidade da seleção húngara, embora tenha fracassado na partida final, estabelecendo um paralelo com o desfecho da Copa de 1950: “Pois em 1950 o

³⁴ Aparentemente, trata-se de um equívoco por parte do cronista, pois, para a Copa de 1950, a Alemanha Ocidental seguia banida pela FIFA, sendo reabilitada somente em 22 de setembro daquele ano, e só disputaria uma primeira partida em novembro, contra a seleção da Suíça. Seria, portanto, um pouco menos de quatro anos em relação à Copa de 1954.

³⁵ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5. (Grifos nossos).

³⁶ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³⁷ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

Campeão do Mundo foi o Uruguai, quando o ‘grande quadro’ do Campeonato tinha sido o Brasil, no parecer unânime. E em 1954, o Campeão é a Alemanha quando o ‘grande scratch’ do certame foi a Hungria”.³⁸ Estes dois últimos teceram suas considerações muito mais focados em questões de ordem técnica e tática, do que em questões de ordem geopolítica, evidenciando o predomínio do teor esportivo na cobertura do *Jornal dos Sports*.

Os comentários sobre a Copa de 1954 prosseguiram ocupando as páginas do *Jornal dos Sports*. Na edição nº 7.623, de sexta-feira, 09 de julho de 1954, Geraldo Romualdo da Silva, desde Berna (via Panair), publicou uma longa matéria intitulada “Por Que A Alemanha Levantou ‘A Copa’”, na qual designa a seleção alemã ocidental como “a modesta equipe do outro lado do Reno”, o que explicita o tom crítico do jornalista em relação ao desfecho daquele Mundial, embora reconheça seu mérito: “Quanto aos nossos amigos alemães, é facilmente comprovável que mereceram a vitória. Ganharam-no, sim, com um excepcional espírito de resistência, únicos, além da autoridade defensiva e a calma singular com que empreenderam as ofensivas, carreiras perigosas, desconcertantes”.³⁹ Entretanto, Geraldo Romualdo da Silva não deixa de aludir à guerra, ao descrever o treinador Sepp Herberger como “o Rommel do Football”:

Eis que a Alemanha dispõe de um estrategista estupendo, senhor de uma astúcia incomparável. Seep Herberger (sic) (guardem bem este nome!), soube conduzir seus soldados a um sucesso sem precedentes na história do football, desde os tempos mais longínquos. Graças a ele, exclusivamente a ele, a Alemanha pôde classificar-se nas oitavas de final, embora perdendo como perdeu para a Hungria, por escore esmagador, vergonhoso, justificável pelo fato de não ter lançado a sua força máxima premeditadamente poupada para o obstáculo imediato, que seria a Turquia. Foi a partida para o êxito. Não se ligava importância ao golpe de Herberger, mas, silenciosamente, em seu pedaço de paraíso, que é Spiez, *Herberger ia derrubando as muralhas em seu derredor*.

*Como nos instantes culminantes da guerra ou das guerras de verdade, Herberger mostrou ser um general de primeira ordem. Um autêntico Rommel.*⁴⁰

³⁸ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³⁹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.623, 09 jul. 1954, p. 5.

⁴⁰ *Jornal dos Sports*. ed. 7.623, 09 jul. 1954, p. 5. (Grifos nossos).

Como se sabe, não é novidade o uso da metáfora da guerra na cobertura esportiva, e Geraldo Romualdo da Silva procede dessa maneira ao associar Sepp Herberger a um dos principais generais alemães da Segunda Guerra Mundial: Johannes Erwin Eugen Rommel (1891-1944), conhecido pela alcunha “A Raposa do Deserto” (em Alemão: *der Wüstenfuchs*), muito em decorrência de sua atuação no comando do Afrika-Korps, na campanha do exército alemão no Norte da África durante a Segunda Guerra Mundial.⁴¹ Assim, astucioso como uma “raposa”, Sepp Herberger teria sido o estrategista que levara a seleção alemã ocidental ao triunfo. Por isso, o texto está recheado de expressões como “[d]estruiu sempre, com eficiência, as cargas inimigas, de uma maneira sistemática” e “[s]ua contra-ofensiva foi mortal”.⁴²

Por fim, a última edição selecionada em nosso recorte de pesquisa, a de nº 7.642, de sábado, 31 de julho de 1954, traz 01 matéria e 01 crônica: a matéria “A Alemanha Esperou 20 Anos Para Ser Campeã”, de Geraldo Romualdo da Silva;⁴³ “O ‘À Antiga’ Football Alemão”, crônica de Olímpicus.⁴⁴ Interessante notar, na matéria de Geraldo Romualdo da Silva, que já aparecia o termo “milagre” para designar o feito obtido pela seleção da Alemanha Ocidental com a conquista do Mundial, algo que se tornaria um dos mitos daquela Copa: “Agora, para o que se denominou de milagre da época, tomando por base o certame da Suíça, Herberger procurou reunir o melhor plantel do país”.⁴⁵

A TRAJETÓRIA DA ALEMANHA OCIDENTAL, DO “PERÍODO EUFÓRICO DE CONVALESCÊNCIA” AO TRIUNFO NA “BATALHA FINAL”, NA COBERTURA ESPORTIVA DO JORNAL *O GLOBO*

As primeiras notícias futebolísticas relacionadas com a Alemanha, publicadas pelo jornal *O Globo* no período estudado (de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954) datam de abril de 1954. Ambas não se referem nem à Copa do Mundo daquele ano nem à seleção da Alemanha Ocidental, mas às excursões de clubes brasileiros à Europa, com jogos disputados em solo alemão. Na edição nº 8.561 de 05 de abril, figuram

⁴¹ REZENDE FILHO. *Rommel*, s/p.

⁴² *Jornal dos Sports*. ed. 7.623, 09 jul. 1954, p. 5. Salta aos olhos a naturalidade com que Geraldo Romualdo da Silva usa a guerra como metáfora, considerando o cenário de destruição e de genocídio da Segunda Guerra Mundial.

⁴³ *Jornal dos Sports*. ed. 7.642, 31 jul. 1954, p. 2 e p. 5.

⁴⁴ *Jornal dos Sports*. ed. 7.642, 31 jul. 1954, p. 2 e p. 5.

⁴⁵ *Jornal dos Sports*. ed. 7.642, 31 jul. 1954, p. 2.

as seguintes matérias: “Treinará, hoje, o Flamengo em Milão”, não assinada; “Empatou o Bangu em Berlim”, também não assinada, mas tendo como fonte a “U.P.” (United Press), de Berlim. Somente na edição nº 8.571 de *O Globo*, publicada em 17 de abril de 1954, a Alemanha Ocidental voltou a aparecer em uma matéria e em 01 nota, relacionada à excursão de clubes brasileiros na Europa e de um clube alemão na América Latina: a matéria “Jogará O Olaria Amanhã Em Mannheim”, formada por pequenas seções que apresentam “os *teams* brasileiros no exterior”, e a nota “Esperado o Rotweiss em Buenos Aires”.⁴⁶

Devemos lembrar que, por ser um periódico que contempla uma gama de temas e assuntos, não se dedicando, portanto, exclusivamente, à cobertura esportiva, como é o caso do *Jornal dos Sports*, o jornal *O Globo* demorou a trazer matérias e crônicas que se relacionassem com a Alemanha Ocidental e sua seleção no “Caderno de Esportes”, naquele ano de Copa do Mundo. Ao contrário, o interesse primeiro foi trazer aos leitores informações sobre a excursão de clubes brasileiros, sobretudo cariocas, na Europa, com passagens também por cidades da Alemanha Ocidental. No caso da matéria “Jogará O Olaria Amanhã Em Mannheim”, conforme mencionado anteriormente, seu texto foi composto por quatro seções, sendo que duas delas fazem menção à presença de clubes brasileiros na Alemanha Ocidental. A primeira seção, intitulada “A Portuguesa de Desportos atuará segunda-feira em Düsseldorf”, é de autoria de Moisés Simas, especial para o jornal *O Globo*, desde a cidade de Mannheim.

O que já havíamos constatado, recorrentemente, em matérias e crônicas publicadas no *Jornal dos Sports*, volta a se repetir em matérias de *O Globo*: o predomínio da designação “Alemanha” e do atributo “alemã”/“alemão” para a República Federal da Alemanha, ou Alemanha Ocidental.

Portanto, entre janeiro e abril de 1954, foram poucas as matérias e notas publicadas no jornal *O Globo* que, de algum modo, mencionavam a Alemanha Ocidental ou mesmo o futebol alemão. Isso se intensificou apenas a partir do mês de maio, uma vez que a Copa do Mundo da Suíça se aproximava. Mesmo em um periódico com escopo amplo de temas e assuntos, a cobertura esportiva ganharia maior

⁴⁶ *O Globo*. ed. 8.571, 17 abr. 1954, p. 2.

espaço em suas páginas, principalmente com a expectativa de que, finalmente, a seleção brasileira conquistaria seu primeiro título mundial, após a tragédia do 16 de julho de 1950.

Todavia, a primeira matéria publicada pelo jornal *O Globo*, na qual a Alemanha Ocidental e sua seleção aparecem associadas à Copa do Mundo da Suíça, que seria iniciada em algumas semanas, foi publicada em 24 de maio de 1954: “Os alemães não podem treinar com os brasileiros”, não assinada, tendo como fonte a agência “U.P.” (United Press), de “Francfort” (*sic*).⁴⁷ Nela, há a seguinte informação sobre os preparativos para a Copa, que impediriam o agendamento de amistosos entre a seleção brasileira e a seleção alemã ocidental:

A Federação Alemã de Football não pode concertar partidas previas às do torneio mundial, com a seleção brasileira, neste país, segundo o secretário-geral da Federação, Georg Xandry, porque na próxima semana começam os treinos para o campeonato.

Xandry disse: “Não podemos combinar partidas com a equipe brasileira da taça do mundo *neste país*, porque já está inteiramente formulado nosso calendário.

Recebi chamadas telefônicas do Brasil, com respeito às possibilidades de concertar partidas *neste país*. Porém me vi obrigado a rejeitar as solicitações. Os próximos treinos são muito importantes em vista das duras partidas da taça do mundo, e ademais *nossos homens necessitam algum descanso, depois das práticas e antes de seguirem para a Suíça*.

Acrescentou que tampouco se pode contar com a realização de partidas entre os brasileiros e os teams dos clubes alemães, porque já está fechado o calendário da Liga Nacional.⁴⁸

Essa matéria evidencia que, no discurso oficial da Federação Alemã de Football (*Deutscher Fußball-Bund*), esta não faz uso nem do nome oficial do país, República Federal da Alemanha (*Bundesrepublik Deutschland*), nem da designação “Alemanha Ocidental” (*Westdeutschland*), apenas “neste país” (3x). Aliás, algo que, provavelmente, era desconhecido da redação de *O Globo*, ou mesmo do leitor, é o fato de que Georg Xandry (1890-1973), secretário geral da DFB, possuía uma longa carreira, iniciada em 1928, ainda na República de Weimar, a qual teve prosseguimento também no Terceiro Reich. No pós-guerra, Xandry passou por um processo

⁴⁷ *O Globo*, ed. 8.601, 24 maio 1954, p. 2.

⁴⁸ *O Globo*, ed. 8.601, 24 maio 1954, p. 2. (Grifos nossos).

de “desnazificação” (em Alemão: *Entnazifizierung*), para ser reabilitado e reintegrado à DFB em sua nova fase, na Alemanha Ocidental.⁴⁹

Entretanto, quanto mais a abertura do Mundial se aproximava, aumentava a quantidade de crônicas e matérias em que havia menção à Alemanha Ocidental e a sua seleção. A partir dos descriptores “Alemanha”, “seleção alemã”, “Sepp Herberger” e “Fritz Walter”, foram filtradas 26 páginas do jornal *O Globo* no mês de junho de 1954, enquanto o mês de maio apresentou apenas 06 páginas. Na edição do dia 03 de junho de 1954, há uma breve informação sobre a compra antecipada de ingressos na coluna “Diário do Campeonato do Mundo”, não assinada, que dá uma dimensão da expectativa dos torcedores em relação ao confronto entre as seleções da Alemanha Ocidental e da Hungria pelas oitavas de final:

Informa-se que já foram vendidos 250 mil ingressos para os 24 matches da Copa do Mundo, esperando-se que nos próximos dias e até o início do certame, esse número seja grandemente aumentado. Os matches entre a Hungria x Alemanha, que será disputado no dia 20, na Basileia, e a final da Copa, fixada para o dia 4 de julho, ganharam a preferência do público na procura de ingressos.⁵⁰

Mal sabia o jornalista que, no dia 04 de julho de 1954, o confronto Hungria x Alemanha Ocidental se repetiria mais uma vez, em que a seleção alvinegra se sagaria campeã, derrotando a seleção alvirrubra. Já na edição nº 8.622, de 17 de junho de 1954, segundo dia de competições, consta na matéria “Mais quatro jogos na tarde de hoje”, não assinada, a seguinte informação sobre o confronto entre as seleções da Turquia e da Alemanha Ocidental na cidade de Berna, na qual é apresentada a campanha das Eliminatórias:

Esse jogo promete ser equilibrado. Os alemães classificaram-se para o turno final como vencedores do Grupo 1 das eliminatórias, em que alcançaram três vitórias e um empate, traduzidos nestes placards (*sic*): 1 x 1 com a Noruega, em Oslo; 3 x 0 sobre o Sarre, em Stuttgart; 5 x 1 sobre a Noruega, em Hamburgo; e 3 x 1 sobre o Sarre, no Sarrebruck (*sic*). [...] Os alemães contam com um ligeiro favoritismo na peleja de hoje.⁵¹

⁴⁹ HAVEMANN. *Fußball unterm Hakenkreuz*, p. 97.

⁵⁰ *O Globo*. ed. 8.610, 03 jun. 1954, p. 16.

⁵¹ *O Globo*. ed. 8.622, 17 jun. 1954, p. 9. (Grifos nossos).

Para um leitor brasileiro nos dias atuais, ou mesmo em março de 1954, essa passagem da matéria demandaria conhecimentos específicos prévios sobre a geopolítica alemã e europeia decorrente da divisão do país e da Guerra Fria. O Sarre (em Alemão: Saarland) figuraria como um país e integraria o Grupo 1 das Eliminatórias Europeias da FIFA para a Copa de 1954, juntamente com a Noruega e a Alemanha. Baseados no próprio texto da crônica, nos indagaríamos: Se o 1. FC Saarbrücken disputava o campeonato de futebol da Alemanha do Sudoeste, por que o Sarre, cuja capital também se chama Saarbrücken, não era território da Alemanha Ocidental? Trata-se de uma região fronteiriça, cuja disputa entre a Alemanha e a França começou bem antes da Segunda Guerra Mundial. Inclusive, a ocupação militar do Sarre em 1870 por tropas francesas deflagrou a Guerra Franco-Prussiana, da qual a Prússia saiu vitoriosa e promoveu a unificação de todos os Estados alemães, fundando, assim, a Alemanha como Estado-Nação em 18 de janeiro de 1871, tendo o Sarre como parte de seu território. Décadas mais tarde, em decorrência de novo confronto bélico entre o Império alemão e a França durante a Primeira Guerra Mundial, com a derrota alemã, foi determinado pela Liga das Nações que o território do Sarre ficaria sob sua governança por 15 anos, sendo que as minas de carvão, altamente produtivas, seriam cedidas à França. Findo esse período, em 1935, portanto, em pleno Terceiro Reich, o território foi devolvido à Alemanha mediante resultado de um plebiscito. Todavia, com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, o Sarre voltou a ser administrado pela França, como um Protetorado até 1957, quando foi, definitivamente, integrado ao território da Alemanha Ocidental.⁵² Durante os anos como Protetorado francês, o Sarre disputou competições esportivas como Estado autônomo, tanto os Jogos Olímpicos de Helsinki, em 1952, quanto as Eliminatórias Europeias para a Copa de 1954, classificando-se em segundo lugar em seu grupo, ficando atrás da seleção da Alemanha Ocidental e à frente da seleção da Noruega.⁵³ Essas informações de caráter histórico e geopolítico demonstram que a passagem da matéria publicada no jornal *O Globo* demandaria conhecimentos prévios do leitor para se ter a dimensão daquele enfrentamento

⁵² STAATSKANZLEI SAARLAND. *Die Geschichte des Saarlandes*, s/p.

⁵³ RAITHEL. *Fußballweltmeisterschaft 1954*, p. 32.

das seleções do Protetorado do Sarre e da Alemanha Ocidental, uma vez que seu autor não interseccionou os campos esportivo e político ao redigi-la.

Todavia, tal expediente não parecia ser fortuito, pelo menos é o que as diversas matérias que mencionam a Alemanha Ocidental e sua seleção, publicadas pelo jornal *O Globo* durante a Copa de 1954, evidenciam. Exemplos patentes são as matérias que versam sobre o confronto entre as seleções da Alemanha Ocidental e da Hungria, ainda pela segunda rodada da fase de Grupos. Na edição nº 8.624, de 19 de junho de 1954, a matéria “A rodada de amanhã”, não assinada, inclui uma seção intitulada “Hungria x Alemanha, em Basileia”. Além de repetir o desempenho de ambas as seleções na primeira rodada, a matéria aponta certo favoritismo para a seleção magiar.⁵⁴ Não é diferente a matéria publicada na edição do dia seguinte, repercutindo o resultado do confronto: “A Hungria goleou a Alemanha por 8 x 3”, de Ricardo Serran, correspondente especial para *O Globo*, da Basileia. Na referida matéria, o jornalista destaca a goleada aplicada pela seleção húngara sobre a seleção alemã ocidental, que poupou oito titulares para o jogo de desempate com a Turquia, que disputaria três dias depois.⁵⁵ Nenhum aspecto de caráter geopolítico se faz presente na matéria. A mesma notícia seria repetida na coluna “Diário do Campeonato do Mundo”, não assinada: “Certas de sua derrota diante da Hungria e prevendo a realização de um novo match com a Turquia, de desempate para a classificação às quartas de final, a Alemanha colocou oito reservas em sua equipe que enfrentou os húngaros”.⁵⁶ Dois dias depois, haveria na mesma coluna uma informação sobre o público daquele confronto: “De acordo com as estatísticas procedidas, 480.000 pessoas assistiram os oito matches da série oitavas de finais. O match Hungria e Alemanha foi o que atraiu a maior assistência, de aproximadamente 56.000 pessoas”.⁵⁷ Mas o maior destaque naquela edição recairia na expectativa para os jogos de desempates, a serem realizados naquela data. Na matéria “Cartadas decisivas esta tarde”, de Geraldo Romualdo da Silva, especial para *O Globo*, de Zurique, mais uma vez, ressalta-se o fato de Sepp Herberger, estrategicamente, ter poupado oito jogadores no confronto anterior contra a seleção húngara:

⁵⁴ *O Globo*. ed. 8.624, 19 jun. 1954, p. 2.

⁵⁵ *O Globo*. ed. 8.625, 21 jun. 1954, p. 2.

⁵⁶ *O Globo*. ed. 8.627, 23 jun. 1954, p. 10.

⁵⁷ *O Globo*. ed. 8.627, 23 jun. 1954, p. 10.

Duas partidas decisivas serão levadas a efeito esta tarde, para preenchimento de duas vagas nas quartas de finais da V Copa do Mundo. Assim. Aqui nesta cidade de Zurique jogarão a Alemanha e a Turquia, cada qual com uma vitória e uma derrota, buscando a classificação para o jogo seguinte em que o vencedor de hoje terá de enfrentar a Iugoslávia. Os dois quadros já tiveram oportunidade de se defrontar e os alemães venceram então de forma positiva por 4x1. Para o encontro de hoje os teutões ainda tiveram o cuidado de poupar a maioria dos seus elementos titulares, colocando reservas no prélio com os húngaros em que foram goleados por 8x3. Os turcos, que venceram por último a Coréia por 7x0, esperam esta tarde vingar os 4x1 do primeiro encontro e conseguir, assim, a classificação.⁵⁸

Na edição nº 8.628 de 24 de junho de 1954, a matéria “Classificou-se a Alemanha”, de Geraldo Romualdo da Silva, especial para *O Globo*, de Zurique, noticia a vitória da seleção alemã ocidental contra a seleção turca pelo placar elástico de 7x2: “Com essa vitória, os alemães classificaram-se às quartas de finais e terão de enfrentar domingo, em Genebra, os iugoslavos”.⁵⁹ Dois dias depois, a matéria “Outros jogos da rodada”, não assinada, apresenta uma seção sobre a expectativa para a partida entre a seleção da Alemanha Ocidental e a Seleção da Iugoslávia, que seria disputada no dia seguinte, em Genebra, em que são apresentados as prováveis escalações e o retrospecto das duas seleções no Mundial. Dois dias depois, haveria apenas uma pequena nota na coluna “Diário do Campeonato do Mundo”, não assinada, reportando mais uma vitória dos comandados de Sepp Herberger: “O football alemão deu excelente demonstração do seu extraordinário progresso e adiantamento com a grande vitória conquistada na tarde de ontem, quando os germânicos derrotaram os iugoslavos pela contagem de dois a zero”.⁶⁰ Desse modo, a seleção alemã ocidental se classificou para a semifinal, em que enfrentaria a seleção da Áustria. Em uma breve matéria, “Áustria x Alemanha na Basileia”, Geraldo Romualdo da Silva, especial para *O Globo*, de Bienna, noticia sobre o confronto, sem qualquer menção ao fato de que, pelo passado recente da guerra e pela anexação da Áustria ao Terceiro Reich em 1938, aquela partida era revestida também de certa atmosfera

⁵⁸ *O Globo*. ed. 8.627, 23 jun. 1954, p. 10.

⁵⁹ *O Globo*. ed. 8.628, 24 jun. 1954, p. 2.

⁶⁰ *O Globo*. ed. 8.631, 28 jun. 1954, p. 10.

política: “A outra semifinal da Copa do Mundo desperta também bastante interesse, pois que, embora os austríacos se apresentem com algum favoritismo, é inegável que o football alemão bem poderá determinar mais uma surpresa”.⁶¹

Por sua vez, o desfecho das semifinais ganhou pleno destaque na edição nº 8.634, de 01 de julho de 1954, três dias antes da tão esperada final da Copa. A matéria “Finalistas a Hungria e a Alemanha”, de Ricardo Serran, especial para *O Globo*, da Basileia, é pautada por certo tom de surpresa com a vitória da seleção da Alemanha Ocidental frente à seleção da Áustria, considerada pelos comentaristas esportivos como franco favorita:

Verdadeiramente foi uma surpresa o match de ontem à tarde no estádio Sto. Jacob, reunindo as seleções da Áustria e da Alemanha. Isso porque atendendo à sua maior tradição de classe no football europeu os austríacos surgiam muito naturalmente como os favoritos da peleja semi-final da V Copa do Mundo. No entanto ratificando de forma mais categórica a boa atuação que exibira nas quartas de finais, quando afastou a Iugoslávia do certame, a seleção alemã alcançou ontem uma estrondosa vitória: 6 x 1. Em verdade um placard (*sic*) que escapou a qualquer expectativa, por muito boa vontade de que se tivesse com o progresso atual do football alemão. Foi no entanto uma vitória justa a que colocou os alemães na situação honrosa de finalistas da V Copa para decidir o título, domingo próximo, com a Hungria.⁶²

Notamos por essa sequência de matérias publicadas no jornal *O Globo* que o viés da cobertura esportiva em torno da Alemanha Ocidental e de sua seleção foi, iminentemente, pautado por questões técnicas e táticas, raramente por questões políticas que remetesse ao contexto da Segunda Guerra Mundial ou da Guerra Fria. Aliás, como bem aponta Leda Maria da Costa em *Os vilões do futebol: jornalismo imaginação melodramática*, na cobertura jornalística da imprensa brasileira sobre a seleção brasileira na Copa de 1950,⁶³ aspectos técnicos e táticos foram negligenciados em virtude de predominar um discurso focado em aspectos emocionais e raciais no afã de rotular os “vilões” pela derrota. Em contraponto, a cobertura em relação à seleção alemã ocidental de 1954 tomou rumo distinto. Na edição nº

⁶¹ *O Globo*. ed. 8.633, 30 jun. 1954, p. 12.

⁶² *O Globo*. ed. 8.634, 01 jul. 1954, p. 10.

⁶³ COSTA. *Os vilões do futebol*, p. 21-22.

8.637, de 05 de julho de 1954, esse quadro não se alterou. O título em destaque na página 6, acompanhada de uma foto exibindo os jogadores da seleção alemã ocidental perfilados no gramado, anunciava: “Caíram os ‘fantasmas’ magiares”.⁶⁴ Não era por menos, afinal, a seleção da Hungria não perdia uma partida desde 1950, tinha sido Medalhista de Ouro nos Jogos Olímpicos de Helsinki, em 1952, e derrotado a seleção inglesa em pleno Estádio de Wembley. Duas seções compõem a matéria: “Desfecho de sensação na V Copa: vitória dos alemães 3x2”; “Ficaram com o vice-campeonato os grandes favoritos”,⁶⁵ ambas não assinadas. A primeira delas assim anuncia a conquista do título pela seleção da Alemanha Ocidental:

Escreveu-se ontem em Berna a última página da V Copa do Mundo, com uma grande surpresa. Grande surpresa em verdade, porque para quase todo o mundo, com raríssimas exceções, os húngaros depois das exibições de poderio apresentadas nos jogos com o Brasil e o Uruguai, já estavam praticamente com o título máximo nas mãos. O jogo de ontem seria apenas uma formalidade. Mas, como em 1950, quando os brasileiros também eram os fracos favoritos e perderam surpreendentemente para os uruguaios, também os famosos “fantasmas” magiares caíram ontem ante os alemães. Como os brasileiros, em 50, também os húngaros abriram o escore e fizeram mais um goal (2x0), mas depois foram ceder a vitória aos alemães por 3x2. Os cracks teutos são assim, desde ontem, os novos campeões mundiais de football e todas as referências feitas até agora são as de que o honroso título ficou em boas mãos porque os alemães exibiram energia, organização e também técnica à altura dos melhores teams que passaram pelos campos da Suíça.⁶⁶

Por sua vez, uma breve nota não assinada e publicada na mesma edição, que tem por fonte a “A.F.P” (Agência France Press) e exibe o intertítulo “A explicação do técnico”, reproduz algumas frases de Sepp Herberger sobre o triunfo alemão ocidental diante da seleção da Hungria, franca favorita, derrotada surpreendentemente na final:

“Como você explica a surpreendente vitória dos alemães”, perguntamos a Sepp Herberger, o treinador da equipe. E ele nos respondeu: – “Jogamos melhor, eis tudo. Os húngaros cometiam contra nós o mesmo erro que os austríacos nas semi-finais. Nos deixaram jogar e não marcaram

⁶⁴ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 6.

⁶⁵ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 6.

⁶⁶ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 6.

suficientemente os dianteiros mais perigosos, Fritz Walter, do qual eles conhecem o poder de shoot, podia passear como quisesse nos 6 metros da área adversária”.⁶⁷

Sem dúvida, algo não captado pelo entrevistador, mas que parece reverberar nas palavras do treinador da seleção alemã ocidental, sobretudo em relação à seleção austríaca, derrotada por 6x1 nas semifinais, quando contextualizadas, é o fato de os jogadores austríacos conhecerem bem o poder de “shoot” de Fritz Walter, provavelmente, alguns ainda dos anos entre 1938 e 1942, no período pós-“Anschluss” e nos primeiros anos da guerra, quando integraram o “team” do Terceiro Reich.⁶⁸

Já a matéria da capa, exibindo a manchete “Campeões do Mundo os Alemães”, dá pleno destaque ao triunfo da seleção alemã ocidental e à derrota inesperada a seleção húngara. Assim é resumido o conteúdo no cabeçalho da matéria:

Os teutos quebraram sensacionalmente o favoritismo dos húngaros, na batalha de Berna – Três a dois o placard (*sic*) da grande vitória alemã, depois de os magiares terem marcado dois a zero em dez minutos de jogo – Puskas e Czibor marcaram pelos vencidos, e Morlock e Rahn (dois) pelos campeões do mundo – O árbitro – Como foram os teams.⁶⁹

O jornalista Geraldo Romualdo da Silva, autor da matéria, especial para *O Globo*, desde Berna, que, aliás, colaborava com crônicas e matérias para ambos os jornais aqui focados, estabelece uma relação detalhada entre o que ocorreu no Maracanã, quatro anos antes, e o desfecho da Copa na “batalha final” em Berna:

Aconteceu mais ou menos como em 1950. Os grandes favoritos para a conquista do título máximo chegando à batalha final e vendo fugir-lhe das mãos quase de surpresa o galardão da Copa do Mundo. Em 50, vimos aí no Maracanã, o Brasil, campeão por antecipação, depois das tremendas goleadas de 7 e de 6 x 1 sobre a Suécia e a Espanha, cair ante a equipe do Uruguai que se apresentara para o certame sem maiores pretensões e que havia apenas empatado com a Espanha por 2 x 2 e superado com dificuldade a Suécia. Hoje, vimos aqui em Berna a famosa seleção da Hungria, também considerada por todo o mundo já praticamente campeã depois das provas de fogo a que se submetera e passara com

⁶⁷ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 6.

⁶⁸ HAVEMANN. *Fußball unterm Hakenkreuz*, p. 133-134.

⁶⁹ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 1.

grande brilhantismo vencendo seguidamente as duas maiores forças do football sul-americano: o Brasil por 4 x 2 em noventa minutos e o Uruguai, também por 4 x 2, mas em cento e vinte minutos, enfrentar e perder o título que lhe parecia assegurado, para um team que também se apresentara modestamente no campeonato: o da Alemanha. Esse mesmo conjunto da Alemanha que somente chamou a atenção sobre as suas possibilidades nas quartas de finais, quando venceu a Iugoslávia e mais fortemente nas semifinais quando goleou a Áustria por 6 x 1. Mas que apesar de tudo não chegara a merecer dos observadores a confiança bastante para aparecer na batalha final como um perigo real para a poderosa seleção húngara.⁷⁰

Na matéria em questão, não falta também a narrativa sobre a cena da premiação dos campeões mundiais naquele histórico 04 de julho de 1954, que entraia, posteriormente, para os anais da história do futebol alemão e mundial como o “Milagre de Berna” (em Alemão: *Wunder von Bern*), que corresponderia ao mesmo período de reconstrução e de crescimento econômico sob a batuta do ministro Ludwig Erhard (1897-1977), conhecido como “Milagre Econômico” (em Alemão: *Wirtschaftswunder*, sem dúvida, um período de otimismo na história da Alemanha dividida durante a Guerra Fria.⁷¹

Após o jogo entre a Alemanha e a Hungria, as duas equipes se alinharam diante da tribuna de honra. O Sr. Jules Rimet, presidente da Federação, abrigado sob o guarda-chuva, entregou a taça do mundo ao capitão da equipe alemã, Fritz Walter, após uma alocução no decorrer da qual acen-tuou a “harmonia e a cooperação universais que, graças ao football, permitiram a organização do Campeonato do Mundo”.

O hino alemão foi executado pela música e cantado por vários milhares de torcedores alemães. Logo depois, verificou-se uma enorme ovação. Os jogadores alemães foram então levados em triunfo até ao vestiário.⁷²

Outro aspecto do cerimonial da FIFA e dos organizadores da Copa da Suíça, abordado brevemente na citação acima, mas que certamente não era uma obviedade, principalmente para alemães, é a execução do “hino alemão” após a conquista do título mundial. Aqui, cabe um aparte: a peculiaridade do hino alemão após a derrocada do regime nazista e da divisão do país, e da criação de dois Estados. En-

⁷⁰ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 1.

⁷¹ KASZA. *Fußball spielt Geschichte*, p. 186-187.

⁷² *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 1.

quanto a República Democrática Alemã passou a ter hino próprio a partir de 1949, “Auferstanden aus Ruinen” (Ressuscitada de Ruinas), com letra de Johannes Becher e música de Hanns Eisler e Ottmar Gester, a República Federal da Alemanha adotou como seu hino parte de “Das Lied der Deutschen” (A Canção dos Alemães), com letra de von August Heinrich Hoffmann von Fallersleben, de 1841, e música do antigo hino imperial “Gott erhalte Franz, den Kaiser” (Deus mantenha Franz, o Imperador), do compositor Joseph Haydn, de 1797, dedicado ao Imperador Francisco II, da Áustria. A datação evidencia que o hino alemão remonta a um período anterior ao da Unificação Alemã, em janeiro de 1871 e possui um longo histórico de formação do nacionalismo no país.⁷³ Proibida de ser executada após a vitória aliada em 1945, “Das Lied der Deutschen” foi adotada oficialmente, em maio de 1952, dois anos antes da Copa da Suíça, como hino da Alemanha Ocidental, com a distinção de que apenas sua terceira estrofe era executada em cerimônias, exatamente aquela que trazia em seus dois primeiros versos um sentido de afirmação da unidade “Einigkeit und Recht und Freiheit/ Für das deutsche Vaterland!” (“Unidade e justiça e liberdade/para a pátria alemã!”).⁷⁴

Por outro lado, Geraldo Romualdo da Silva também destaca o clima de tristeza e melancolia que tomou conta dos húngaros após a derrota, algo que conhecemos também do “Maracanazo”, de 16 de julho de 1950, com jogadores chorando no gramado e desolados no vestiário, mas também a busca imediata por “vilões” que contribuíram para a tragédia, como foi o caso do goleiro Barbosa em 1950:⁷⁵

No vestiário dos magiares a desolação era total após o jogo. Todos estavam tomados de integral desespero pela perda do título quando tudo lhes parecia assegurado. Para o vice-ministro Sebes o resultado do match foi oriundo de dois fatores: 1º a péssima atuação de alguns elementos de maior responsabilidade na equipe, não citando nominalmente Puskas, Czibor, Hidegkuti e Lantos, mas deixando perceber que era sobre esses jogadores que pesavam as suas palavras, 2º a perda de energias dos pla-

⁷³ GAVARINI. Deutsche Nationalhymne: Was singen die da eigentlich? Und singen sie überhaupt?, s/p.

⁷⁴ WIEDERSCHEIN. Nationalhymne: Darum bereitet das „Lied der Deutschen“ so vielen Probleme, s/p.

⁷⁵ COSTA. Os vilões do futebol, p. 98-99.

yers no jogo com os uruguaios, match que exigiu muito da seleção húngara e ainda mais por força de uma prorrogação.⁷⁶

Como bem aponta Leda Maria da Costa em relação à “vilanização” de integrantes da seleção brasileira que foram derrotados para a seleção uruguaia na Copa de 1950, “a mãe das narrativas da derrota”, “uma derrota que terá a aparência de algo vergonhoso e injustificável”, “a imprensa esportiva precisou lidar com a derrota e um incômodo vice-campeonato”.⁷⁷ De certo modo, é o que constatamos também em relação à seleção húngara, cujos “vilões” começaram a ser “construídos” logo após a derrota para a seleção alemã ocidental, chancelada pela imprensa brasileira a partir da voz do técnico Gustáv Sebes (1906-1986), equivocadamente indicado como “vice-ministro” na matéria. Embora este não tenha nomeado os “vilões”, o jornalista Geraldo Romualdo da Silva não se fez de rogado ao concluir que se tratava de Ferenc Puskas, Zoltán Czibor, Nándor Hidegkuti e Mihály Lantos.

Portanto, em sua maioria, as matérias, notas e crônicas publicadas no jornal *O Globo* por ocasião da V Copa do Mundo de Futebol, nas quais fez referência à Alemanha Ocidental e a sua seleção, centraram seu foco em questões de ordem técnica e tática, havendo pouco ou nenhum espaço para tratar de questões contextuais, tanto em relação ao passado recente da ditadura nazista e da Segunda Guerra Mundial, onde foram cometidos crimes contra a Humanidade em nome do Terceiro Reich, quanto em relação à decorrente ocupação e divisão do país e a Guerra Fria travada entre dois blocos rivais, comandados, de um lado, pelos Estados Unidos capitalista, e, de outro, pela União Soviética socialista. Por assim dizer, aquela final prefigurou tal oposição, colocando, frente a frente, as seleções da Alemanha Ocidental e da Hungria.

QUANDO A IMPRENSA MENCIONA OU INTERDITA ASPECTOS DE ORDEM POLÍTICA E GEOPOLÍTICA NA COBERTURA ESPORTIVA – À GUIA DE CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa, pudemos constatar que a cobertura esportiva do jornal *O Globo* em relação à Alemanha Ocidental e a sua seleção no contexto da Copa de 1954 não foi pautada, explicitamente, por questões de ordem geopolítica. Ao contrário, ques-

⁷⁶ *O Globo*, ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 1

⁷⁷ COSTA. Os vilões do futebol, p. 41.

tões de ordem técnica e tática tiveram prioridade nas pautas das matérias, notas e crônicas, de uma maneira bem tradicional. Antes do início do torneio, o interesse recaiu na presença de clubes brasileiros, cariocas em sua maioria, em excursão nas duas “Alemanhas” e, durante e após a Copa, não houve intersecção entre os campos esportivo e político na cobertura, embora tenha havido momentos em que isso não só seria possível, como também desejável em termos de versatilidade e de aprimoramento do material jornalístico. Além disso, o país foi majoritariamente designado simplesmente por “Alemanha”. Se, por um lado, o jornalista e cronista Geraldo Romualdo da Silva seguiu essa linha no jornal *O Globo*, por outro, cronistas do *Jornal dos Sports*, sobretudo Albert Laurence e Zé de São Januário, primaram por promover a intersecção entre os campos político e esportivo, como também dar a verdadeira medida ao versarem sobre a Alemanha Ocidental e sua seleção em meio a todo o processo de divisão recente do país e aos ditames da Guerra Fria.

Por fim, ressaltamos que demandas do campo do jornalismo como tempo, pouco espaço e, no caso do esportivo, uma procura por um discurso mais emotivo, explicam, em parte a pouca menção a aspectos políticos e geopolíticos, pouco presentes até hoje na cobertura. O jornalismo esportivo, no Brasil, continua pouquíssimo afeito a questões de ordem política ou geopolítica. Podemos, inclusive, pensar isso em termos de despolitização do campo esportivo.

* * *

REFERÊNCIAS

- COSTA, Leda Maria da. **Os vilões do futebol:** jornalismo esportivo e imaginação melodramática. Curitiba, PR: Appris, 2020.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo:** Letras, imprensa e cultura no ‘Jornal dos Sports’ (1950-1958). Curitiba, UFPR, 2016.
- GAVARINI, Lorenzo. Deutsche Nationalhymne: Was singen die da eigentlich? Und singen sie überhaupt? **Der Spiegel**. 14 jun. 2024.
- O Globo.** Rio de Janeiro, Ano XXX, nº 8.484 a 8.660, de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954. [176 edições]
- HAVEMANN, Nils. **Fußball unterm Hakenkreuz.** Der DFB zwischen Sport, Politik und Kommerz. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2005.

- HOFFMANN, Dierk. Kalter Krieg und Blockintegration (1949-1955). **Informationen zur politischen Bildung**. n. 358, Dossiê “Gesamte deutsche Nachkriegsgeschichte 1945-1990”, p. 14-23, 1/2024b.
- HOFFMANN, Dierk. Von der Kapitulation zur doppelten Staatsgründung (1945-1949). **Informationen zur politischen Bildung**. n. 358, Dossiê “Gesamte deutsche Nachkriegsgeschichte 1945-1990”, p. 6-13, 1/2024a.
- Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, nº 7468 a 7642, de 01 de janeiro a 31 de julho de 1954. [211 edições]
- KASZA, Peter. **Fußball spielt Geschichte**: Das Wunder von Bern 1954. Berlin-Brandenburg: be.bra-Verlag, 2004.
- MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: EDUC; Fapesp, 2003.
- PACHECO, Paulo. Jornalista da Cultura comenta Copa do Mundo com tubo de oxigênio. **Notícias da TV**. São Paulo, 25 jun. 2024.
- RAITHEL, Thomas. **Fußballweltmeisterschaft 1954** – Sport – Geschichte – Mythos. München: Bayerische Landeszentrale für politische Bildung, 2004.
- REZENDE FILHO, Cyro. **Rommel**: a raposa do deserto. São Paulo: Contexto, 2010.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- STAATSKANZLEI SAARLAND. **Die Geschichte des Saarlandes**. 04 jan. 2022.
- STOLPE, Daniel. **50 Jahre Bundesliga**: die Geschichte – die Legenden – die Bilder (1963-2013). Stuttgart: Verlag Pietsch, 2013.
- TFOUNI, Elias Verdiani. Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. XVI, n. 1, p. 39-56, 2013.
- WIEDERSCHEIN, Harald. Nationalhymne: Darum bereitet das „Lied der Deutschen“ so vielen Probleme. **Focus**, 15 fev. 2017.
- WÖRNER, Martin. Im anderen Deutschland. In: NEUKIRCHNER, Manuel (org.). **Mehr als ein Spiel**: Das Buch zum Deutschen Fußballmuseum. Dortmund: Deutsches Fußballmuseum, 2016, p. 182-87.

* * *

Recebido em: 11 fev. 2025.
Aprovado em: 11 jun. 2025.